

Mulheres torcedoras de futebol no Brasil: refazendo gênero no interior da cultura fanática

Female Fans in Brazil: Remaking Gender Within the Fan Culture

Mariana Zuaneti Martins

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil
Doutora em Educação Física, Unicamp
marianazuaneti@gmail.com

Gabriela Borel Delarmelina

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil
Mestranda em Educação Física, UFES

Kerzia Railane Santos Silva

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil
Mestranda em Educação Física, UFES

RESUMO: Considerando a cultura fanática do futebol um espaço de manifestação de um currículo de masculinidades no qual as mulheres são invisibilizadas ou deslegitimadas, aqui nos debruçamos nas experiências de uma rede de torcedoras ativistas que buscam resistir a esse cenário. Com isso, o objetivo deste artigo é descrever a forma pela qual essas mulheres (re)fazem gênero na cultura torcedora e disputam representações sobre autenticidade nas formas de torcer. Para tanto, entrevistamos 37 torcedoras de diversos clubes e estados do Brasil. Seus relatos foram categorizados, enfatizando duas temáticas: a forma segundo a qual essas mulheres constroem visibilidade para sua presença na cultura torcedora e, em segundo lugar, a forma como disputam os sentidos sobre ser torcedor(a) autêntico(a). Por fim, demonstramos que elas refazem gênero na cultura torcedora e oferecem a possibilidade de transformação de uma cultura sexista e discriminatória.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Torcidas; Ativismo; Feminismo.

ABSTRACT: Considering the fanatical culture of football a space for manifesting a curriculum of masculinities in which women are made invisible or delegitimized, here we look into the experiences of a network of activist fans who seek to resist this scenario. With that, the aim of this article is to describe the way in which these women (re)make gender in the fan culture and dispute representations about authenticity in the ways of cheering. To do so, we interviewed 37 fans from different clubs and states in Brazil. Their reports were categorized, emphasizing two themes: the way in which these women build visibility for their presence in the fan culture and, secondly, the way they dispute the meanings of being an authentic fan. Finally, we demonstrate that they remake gender in the fan culture and offer the possibility of transforming a sexist and discriminatory culture.

KEYWORDS: Gender; Support Groups; Activism; Feminism.

INTRODUÇÃO¹

Eu ia ao estádio sozinha e sempre me olhavam torto. Perguntavam: ‘Cadê seu pai? E seus amigos? Você veio aqui para arrumar homem?’.

Monique Torquetti, torcedora do XV de Piracicaba.

Já fomos hostilizadas pela Torcida Geral do Grêmio. Tiraram nossas faixas e exigiram que a gente saísse dali porque não era o nosso lugar.

Kelly Plaz, gremista.²

A construção do ambiente das arquibancadas como um ambiente não seguro e não acolhedor para as mulheres, conforme os dois relatos divulgados na imprensa, descreve e demonstra alguns aspectos sobre a presença delas na cultura torcedora. Em primeiro lugar, os indícios são de que há um estranhamento a respeito da sua presença em estádios. Esse estranhamento pode fundamentar-se na opinião de não se considerar aquele espaço “seguro” para uma mulher desacompanhada. Em segundo lugar, pode vir acompanhado de uma interrogação e de uma suspeita sobre o interesse de uma mulher por futebol. Em terceiro lugar, a deslegitimação dessa presença ocorre por parte dos torcedores da mesma agremiação.

Os relatos também demonstram que, apesar de os próprios torcedores da mesma equipe tornarem a arquibancada um ambiente suspeito, de não acolhimento e até de insegurança, as torcedoras têm desafiado tais entendimentos, opiniões ou convicções ao reivindicar seu lugar na cultura torcedora.

Esses relatos ainda são escassos na imprensa esportiva ou na mídia alternativa das torcidas. No entanto, a presença das mulheres nas arquibancadas dos jogos de futebol não é nova. Há relatos de que elas eram parte significativa do público, no Brasil, na primeira metade do século XX. Todavia, conforme o futebol foi se popularizando e as torcidas uniformizadas e organizadas foram surgindo,³ essa participação teve seu peso relativo reduzido. Isso não significava que elas

¹ Esta pesquisa contou com financiamento da Fapes e Capes.

² ABEL; PANNUNZIO. Torcida, substantivo feminino. Mulheres se unem para ocupar arquibancadas.

³ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*.

estavam ausentes das torcidas organizadas, César⁴ descreve a presença de algumas delas, inclusive como destacadas integrantes de uma das mais populares torcidas brasileiras.

As mulheres foram perdendo visibilidade e espaço, sobretudo na década de 1980. A construção de um problema social em torno da violência nos estádios de futebol no país fez com que mais particularmente os integrantes das torcidas organizadas fossem vistos como violentos e agressivos, reafirmando, com tal postura, aspectos de uma certa masculinidade que afastaria as mulheres daquele ambiente.⁵ Isso se deu, em parte, pela difusão das notícias sobre o *hooliganismo* na Europa, visto como um problema relacionado aos homens ingleses da classe trabalhadora mais rude,⁶ assim como pelo fato de um dos dirigentes de uma grande torcida brasileira ter sido assassinado, em 1988.⁷ Como consequência, a visibilidade conferida a essa masculinidade na cultura fanática não implica a não presença de mulheres⁸ ou quaisquer outras formas de relação de vínculo afetivo com o clube.⁹ As mulheres, nesse contexto, têm sido vistas como menos “autênticas” ou menos fanáticas.

Contraopondo-se a esse cenário, as torcedoras brasileiras, recentemente, se têm organizado a fim de dar visibilidade à sua participação no interior dos estádios e das torcidas, bem como para reivindicar igualdade para exercer algumas funções e ocupar alguns espaços na cultura torcedora.¹⁰ Elas se têm organizado no formato de uma rede, como coletivos ou ativistas que buscam a igualdade nas arquibancadas, visibilizada pela organização dos Encontros Nacionais de Torcedoras (2017, 2018, 2019).

O Encontro Nacional das Mulheres da Arquibancada foi uma iniciativa desenvolvida em fevereiro de 2017, a partir de mulheres de diferentes estados e organizações que se encontraram em outro evento sobre futebol e democracia, realizado no Museu do Futebol, em São Paulo. Inicialmente, o encontro não visava propriamente à organização de torcida, como a Anatorg (Associação Nacional de Torcidas Organizadas), que veio, posteriormente, a apoiar a iniciativa. Dentre as deliberações do encontro, uma carta foi escrita com uma série de reivindicações que

⁴ CESAR. *Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo*.

⁵ LOPES. A construção do problema social da violência no futebol brasileiro, p. 89-113.

⁶ DUNNING. *El fenómeno deportivo*.

⁷ LOPES. A construção do problema social da violência no futebol brasileiro.

⁸ DUNN. *Female Football Fans*.

⁹ JONES. *Female Fandom*, p. 516-537; POPE. *The Love of my Life*, p. 176-95.

¹⁰ MARTINS; SANTOS. *Do futebol de mulheres às mulheres no futebol*, p. 117-35.

abrangiam desde o combate ao machismo, a demanda por maior representatividade das mulheres nos espaços de liderança no futebol, nas torcidas e na Anatorg, até outras questões relativas ao acolhimento das mulheres nos estádios, como: segurança, espaço físico adequado (para mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência) e a presença de uma delegacia da mulher também foram reivindicados.¹¹ Esse encontro, realizado sob o lema “empoderamento e resistência”, deflagrou uma série de iniciativas de encontros estaduais de mulheres de arquibancada, como os do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Essa rede se reunia sob o nome de “Mulheres da Arquibancada” (MDA), que continuou organizando as torcedoras até 2018, ano em que foi organizado o II Encontro Nacional das Torcedoras, no estado do Ceará. A proposta era de que o encontro alternasse as sedes e, aí, já mais integrado aos coletivos torcedores, facilitasse a participação das torcidas do Nordeste e que essas organizações fornecessem auxílio financeiro para que suas integrantes pudessem participar. O encontro também contou, em sua pauta, com os seguintes itens: o feminismo no esporte; o machismo no futebol; policiamento nos estádios especializados em mulheres; futebol de mulheres.¹² Esse evento foi importante para disparar outras campanhas nacionais, como o #deixaelatorcer; #machistometro#, dentre outras, que comentaremos mais adiante.

Em setembro de 2019, em Porto Alegre, aconteceu o terceiro encontro, já impulsionado pelo Movimento Feminino da Arquibancada (MFA). Diante desse cenário, nós nos perguntamos sobre a forma pela qual a existência desses movimentos tensiona os discursos tradicionais sobre a cultura fanática no Brasil e proporciona visibilidade a outras formas de autenticidade do torcer. Nessa esteira, o objetivo deste artigo foi descrever a forma pela qual as mulheres da rede ativista de torcedoras (re)fazem gênero na cultura torcedora.

Para tanto, a partir da estratégia bola de neve, foram feitas entrevistas semiestruturadas com 37 torcedoras no Brasil que faziam parte de coletivos e de torcidas organizadas. Essa estratégia aponta para a existência de uma rede de torcedoras que atravessa o país, ainda que não sistematicamente organizadas. Em nossas conversas, elas detalharam suas experiências nas arquibancadas – e fora

¹¹ MORAES. *As torcedoras querem torcer*.

¹² Leia mais em: <https://bit.ly/3BwzJkE>.

delas –, discorrendo não só sobre sua presença em um espaço comumente reservado aos homens, mas também em suas práticas enquanto torcedoras.

Nos resultados, a partir de duas temáticas principais, destacamos a relação delas com a sua presença nas arquibancadas, bem como as práticas adotadas para garantir seu espaço, enquanto mulheres torcedoras, naquele ambiente. Por fim, conseguimos apontar os caminhos e as negociações cotidianas dessas mulheres dentro da cultura fanática torcedora, mostrando como elas assumem uma postura de embate num ambiente sexista e discriminatório.

Esses apontamentos dialogam com as descrições da literatura internacional sobre as formas de torcer, segundo as quais a performatividade de gênero interfere na forma pela qual identificamos a intensidade e legitimidade dos vínculos dos torcedores dentro e fora dos estádios. Problematizamos, baseadas nessa literatura, a forma pela qual a estrutura hierárquica de gênero afeta a presença e a performatividade torcedora de mulheres que frequentam estes espaços e o modo como elas negociam e tencionam essa hierarquia. Argumentamos, assim, a maneira como elas se vinculam às torcidas organizadas em um ambiente de constantes disputas e negociação de suas identidades de gênero.

A CULTURA FANÁTICA DO FUTEBOL E AS MULHERES

Com relação à cultura fanática no futebol, existem diversas possibilidades de se manifestar como torcedor ou espectador. Tais formas podem ser presenciais, coletivas, públicas ou mesmo mediadas por meios digitais.¹³ A fim de caracterizar essas diferentes formas, Richard Giulianotti¹⁴ descreveu uma taxonomia dos fãs de futebol, baseada em vínculos e redes de solidariedade. Tal taxonomia classifica os fãs em diferentes “graus” de vínculo, que variam entre torcedores quentes (maior vínculo com o clube e com a coletividade de torcedores e grau de fanatismo), espectadores frios (aqueles marcados por uma lógica de consumo globalizada) e uma experiência individualizada.

¹³ TOFFOLETTI. *Women sport fans*; TAYLOR & FRANCIS; TOLEDO. *Torcer*, p. 175-89; POPE. *The Love of my Life*; JONES. *Female Fandom*.

¹⁴ GIULIANOTTI. *Supporters, Followers, Fans, and Flaneurs*.

Esta classificação tem sido criticada nas investigações sobre torcedoras por tomar como referência o universo da masculinidade viril.¹⁵ Ou seja, apesar de ela parecer neutra do ponto de vista do gênero, a taxonomia se ancora, implicitamente, numa hierarquia entre o fanatismo masculino (tradicional e autêntico) e o não fanatismo feminino (consumidor e inautêntico).¹⁶ Em geral, o perfil atribuído ao “*supporter*” ou “*fan*” (termos em inglês) é masculino, mesmo não sendo esses termos diretamente ‘generificados’.

Para Dunn,¹⁷ Jones,¹⁸ Pope¹⁹ e Toffoletti,²⁰ a taxonomia estruturada em base a polos – tradicional-quente *versus* consumidor-frio – pode ser relacionada à lógica binária de gênero. Nesse sentido, tal descrição da cultura torcedora teve como consequência uma codificação binária das posições, que provocou segregação e discriminação, conforme alertaram Pfister *et al.*²¹ Para as autoras, as mulheres são vistas como “o outro sexo”, não sendo consideradas autênticas, já que o fanatismo é descrito como uma forma codificada de masculinidade.

Segundo as autoras, essa taxonomia constrói o polo quente e autêntico, vinculado a uma forte solidariedade (masculina) entre os membros na adesão ao clube. O segundo polo, representado como consumidor-frio, é relacionado às formas tradicionais de feminilidade, que não representam vínculos sólidos com o clube e, portanto, não se preocupa em ter que demonstrar suporte diante de outros torcedores rivais.²² Há uma hierarquização, nessa taxonomia, que não só informa modos distintos de fazer gênero na cultura torcedora, como classifica como mais legítimos aqueles vinculados à masculinidade.

As formas frias de engajamento, fruto da globalização dos clubes e da elitização do futebol moderno, são vistas como uma perda de sentido de comunidade entre torcedores e de identidade com o clube. Coincidentemente, são usualmente as formas como se descrevem a emergência das mulheres torcedoras. Portanto, é necessário considerar que as torcedoras podem estar fora desse

¹⁵ JONES. Female Fandom.

¹⁶ POPE. The Love of my Life

¹⁷ DUNN. *Female Football Fans*.

¹⁸ JONES. Female Fandom.

¹⁹ POPE. The Love of my Life

²⁰ TOFFOLETTI. Women sport fans

²¹ PFISTER; LENNEIS; MINTERT. Female Fans of Men's Football – A Case Study in Denmark.

²² JONES. Female Fandom.

espectro binário.²³ Isto implica em observar a existência de performatividades de gênero intituladas “feminilidades masculinizadas” e “feminilidades feminilizadas”.²⁴ Nessa esteira, Carrie Dunn²⁵ demonstrou ser possível descrever outras formas de lealdade a partir das mulheres fanáticas. Lealdade, para elas, tem a ver com artefatos, vestimentas e decoração de suas casas. Ela ressaltou que a tradição do torcer também se transmite de mãe para filha, de modo que a constituição de um vínculo tradicional baseado no parentesco não é uma característica exclusivamente masculina.

Tal discussão também poderia ser transportada para as torcidas organizadas de futebol do contexto brasileiro, compreendidas como uma das possíveis experiências da cultura fanática. As torcidas organizadas brasileiras seriam formas quentes e tradicionais de torcer e se diferenciam das demais torcidas por sua forma de ocupar o estádio, pelo porte de vestimenta, bandeiras, baterias, gestos, coreografias e cantos específicos, que configuram sua identidade específica dentro do clubismo.²⁶ Essa diferenciação implica uma particular configuração de poder nas arquibancadas e entre torcedores, conferindo “autenticidade” à forma de torcer das torcidas organizadas.²⁷ Elas reivindicam o direito de torcer, até mesmo fanaticamente, quanto os mais fiéis apoiadores do clube, considerando ser esta uma forma política de influenciar, não se restringindo ao sentido de torcer pelo clube.²⁸

Essa forma “autêntica” de torcer é também uma expressão de masculinidade, manifestada no ambiente do futebol.²⁹ Nesse contexto, algumas manifestações de violência relacionadas à cultura fanática no futebol são expressões de uma “masculinidade agressiva” e viril, muito valorizada por expressar o intenso grau de vínculo e de fidelidade de uma pessoa com o clube pelo qual torce.³⁰ Essa

²³ POPE. *The Love of my Life*

²⁴ POPE. *The Love of my Life*

²⁵ DUNN. *Female Football Fans*.

²⁶ “O clubismo é produto das operações simbólicas de demarcação de fronteiras, classificações, divisões e segmentações diversas [...] trata-se de uma categoria simbólica que opera socialmente e, portanto, concretamente, impondo-se em relação a outras demarcações de fronteiras, tal qual é o caso das categorias de classe, religião, gênero, partidos políticos, entre outras [...]. Por isso mesmo, creio que não é possível compreender a dinâmica das emoções no futebol sem aprofundar o entendimento desse potente sistema de crenças, representações e segmentações” (DAMO, *A magia da seleção*, p. 79).

²⁷ TOLEDO. *Torcidas organizadas de futebol*.

²⁸ TOLEDO. *Torcidas organizadas de futebol*.

²⁹ MONTEIRO. *Torcer, lutar, o inimigo massacrar*.

³⁰ LOPES; CORDEIRO. *Torcidas organizadas do futebol brasileiro*, p. 75-83; MONTEIRO. *Torcer, lutar, o inimigo massacrar*.

masculinidade também se expressa nos cantos das torcidas, na diferenciação com relação a alguns adversários, considerados “menos homens” ou de sexualidade duvidosa, e em alguns gritos, que visam a desestabilizar a masculinidade adversária.³¹ Essa masculinidade se configura como uma cultura agressiva, dentro da qual defender e brigar violentamente pelo time significa “adquirir *status*, respeito, poder e domínio sobre os outros membros do grupo ou sobre os que de algum modo com eles se relacionam e interagem”.³²

O torcedor autêntico é formado por uma pedagogia do torcer, que é atravessada por relações de gênero. Gustavo Bandeira argumenta que estar num estádio é um tipo de ambiente ou oportunidade de se aprender a torcer, de se “aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir”.³³ O torcer institucionaliza práticas; ensina e representa masculinidades; portanto, constitui uma pedagogia de masculinidade e uma forma através do qual se aprende a *fazer* gênero.³⁴

Gênero refere-se a construções sociais, culturais e linguísticas que constituem a forma como percebemos essas diferenças e as desigualdades por elas originadas,³⁵ de modo que as diferenças e desigualdades entre mulheres e homens não são biologicamente determinadas.³⁶ Gênero é a forma pela qual nos *fazemos* cotidianamente como homens e mulheres em uma sociedade, em um processo instável, repetido e contínuo.³⁷ Fazemos e aprendemos gênero por meio de diversas instâncias, além da própria família, da escola, do futebol e por meio da cultura fanática, conforme apontou Gustavo Bandeira. Nessa perspectiva, ao torcer, aprendemos a “ser” (em geral) homens ou mulheres dentro daquela subcultura específica.

Por isso, a cultura fanática é um espaço no qual *se faz* ‘gênero’ por meio das pedagogias do torcer e desse currículo de masculinidade.³⁸ As diferenças entre homens e mulheres são organizadas de forma relacional em nossos discursos culturais e interpelam as pessoas desde que elas nascem. Todavia, esses discursos

³¹ TOLEDO. *Torcidas organizadas de futebol*.

³² MONTEIRO. *Torcer, lutar, o inimigo massacrar*.

³³ BANDEIRA. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol., p. 342-351; p. 344.

³⁴ BANDEIRA; SEFFNER. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia, p. 246-270.

³⁵ SCOTT. Gênero.

³⁶ SCOTT. Gênero. MEYER. Gênero e educação, p. 9-27.

³⁷ MEYER. Gênero e educação, p. 16.

³⁸ BANDEIRA. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. p. 342-351.

ganham materialidade na medida em que são cotidianamente reiterados por meio de nossas práticas e performatividades.³⁹

As performatividades de gênero ainda são plurais, conformando diversos modos de vivenciar as feminilidades e as masculinidades. Dessa forma, em vez de se pensar a experiência das mulheres como única, deve-se perceber também a pluralidade de formas existentes de performatizar feminilidades, agenciadas pelas pessoas em relação ao contexto, às relações de poder, às masculinidades e às situações, mas também atravessadas por outros marcadores sociais, como raça, classe e geração, entre outros.⁴⁰

O currículo de masculinidade do estádio remete a uma forma de performatividade de gênero específica, vinculada, conforme apontou Monteiro,⁴¹ a um modo agressivo e viril. Nesse sentido, a ênfase na masculinidade como característica das torcidas invisibilizou as mulheres ou as colocou como torcedoras menos legítimas.⁴² As mulheres, nestas narrativas, são não habituais, ora invisíveis, ora não autênticas.⁴³ Pesquisas demonstram que as mulheres não costumam ir aos estádios desacompanhadas de homens. São motivadas pelos pais, namorados ou por amizades.⁴⁴ Além disso, a participação das mulheres nas arquibancadas, diferentemente dos homens, muitas vezes enfrenta interrupções devido a motivos como gravidez e cuidado de crianças.⁴⁵ Quando presentes nos estádios, elas também são alvo constante de provocações e testes. Elas precisam provar que “levam o esporte a sério”.⁴⁶

A ausência de legitimidade leva a uma série de questionamentos sobre sua presença nos estádios. Para frequentar as arquibancadas, por exemplo, em especial próximo a uma torcida organizada, elas se devem preocupar com a vestimenta para não se confundir com as “cheerleaders” ou não serem rotuladas de estar frequentando o estádio à procura de um “homem” com quem se envolver.⁴⁷ Por

³⁹ BUTLER. *Gender trouble*.

⁴⁰ BUTLER. *Gender trouble*.

⁴¹ MONTEIRO. *Torcer, lutar, o inimigo massacrar*.

⁴² DUNN. *Female Football Fans*.

⁴³ DUNN. *Female Football Fans*.

⁴⁴ CAMPOS. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão*. DUNN. *Female Football Fans*.

⁴⁵ DUNN. *Female Football Fans*.

⁴⁶ CAMPOS. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão*. DUNN. *Female Football Fans*.

⁴⁷ DUNN. *Female Football Fans*.

vezes, as próprias mulheres estigmatizam as que vão assistir a um jogo com uma roupa curta, maquiagem ou salto, ou que comentam a aparência dos jogadores. Elas não estariam no estádio por interesse pelo esporte.⁴⁸ Nesse cenário, algumas mulheres torcedoras brasileiras começam a se organizar para disputar a “autenticidade” dentro da cultura fanática, materializando uma rede que se expressou a partir da organização de três encontros nacionais de torcedoras. Essas mulheres propõem o reconhecimento de sua presença e das feminilidades como forma autêntica de torcer, propondo, por conseguinte, refazer a forma pela qual o gênero é interpretado dentro da cultura fanática.

PERCURSO METODOLÓGICO

O *corpus* desta pesquisa foi construído através de entrevistas semiestruturadas com 37 torcedoras de diversos clubes de todas as regiões do Brasil. As entrevistas ocorreram entre 2017 e 2019, guiadas por um roteiro que compreendia algumas temáticas.⁴⁹ Entrevistar as torcedoras permitiu que nos debruçássemos sobre suas percepções e sobre detalhes sobre sua atuação nos estádios e nos movimentos ativistas, constituindo, tais encontros, uma oportunidade para que elas pudessem discorrer com profundidade sobre esses temas.⁵⁰ O primeiro referia-se à forma pela qual elas descreviam e compreendiam suas identidades como torcedoras nos estádios, e como se compreendiam em relação a seus companheiros homens. O intuito era identificar como se comportava o seu clubismo e se elas se davam conta das nuances de generificação em relação às práticas de seus companheiros. O segundo, referia-se à forma pela qual compreendiam suas identidades em relação aos torcedores de outros clubes e como viam o conflito entre essas identificações. O objetivo era perceber como a identidade torcedora, na visão delas, implicava atitudes e discursos de exclusão de torcedores de outros clubes. Por fim, uma terceira seção buscava compreender como a identidade de torcedora se construiu alinhada à das torcedoras de outros clubes, a fim de desenhar essa outra identidade

⁴⁸ CAMPOS. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão*.

⁴⁹ A pesquisa em questão foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Ufes e as torcedoras participantes concordaram expressamente em participar da entrevista para fins de pesquisa. Seus nomes e seus clubes foram mantidos em anonimato para evitar identificação, conforme as normas do Conselho Nacional de Saúde.

⁵⁰ RUBIN; RUBIN. *Structuring the Interview, Qualitative Interviewing*; p. 129-151.

coletiva que atravessava as performances das mulheres e em que medida esta identificação tensionava suas identidades ou performances clubísticas tradicionais. As torcedoras eram perguntadas sobre suas percepções; em seguida, pedíamos que detalhassem eventos e casos que ilustrassem o que sentiam e pensavam sobre a cultura fanática.

Para composição da amostra, utilizamos a estratégia de bola de neve. Como não há um repositório no qual se possa ver representado o universo total da população de mulheres que frequenta os estádios, e os dados de torcidas do Rio de Janeiro e de São Paulo demonstram que elas são minoria na composição desses agrupamentos, seria difícil conduzir uma amostragem aleatória. Por essa razão, utilizamos como critério de inclusão a própria indicação de torcedoras sobre outras torcedoras que compunham a organização nacional das mulheres ativistas daquele ramo. Por conseguinte, assim que uma torcedora era indicada e entrávamos em contato com ela, tentávamos agendar uma entrevista. Caso a indicada concordasse em participar e se, em três tentativas, ela não retornasse o contato ou não se disponibilizasse para a entrevista, ela era excluída da amostra.

À medida que as indicações passaram a se repetir, consideramos que o processo de amostragem se havia saturado. As entrevistas foram realizadas por meio de ligação virtual com câmera, no aplicativo de preferência da entrevistada. Elas tiveram duração média de 1h30min. O áudio das entrevistas foi gravado e, posteriormente, transcrito. A fim de preservar a identidade das envolvidas na pesquisa, seus nomes próprios foram omitidos e substituídos, bem como o dos clubes pelos quais torciam. Igualmente, não se identificou o nome de suas agremiações. Os primeiros foram substituídos por nomes de cores. A variação das cores foi estabelecida obedecendo à ideia de se abranger a diversidade e a multiplicidade das torcidas presentes nos estádios brasileiros.

As entrevistas transcritas foram categorizadas de acordo com os excertos em que se apresentavam relatos a respeito de como as mulheres percebiam a influência do marcador de gênero na cultura fanática. A partir da seleção desses excertos, de forma indutiva, eles foram agrupados em duas categorias temáticas que resumiam o sentido do seu conteúdo. A primeira categoria referia-se à forma pela qual as mulheres reivindicavam visibilidade na cultura fanática. A segunda, tratava da

forma pela qual elas interpretavam a “autenticidade” do torcer e como, enquanto mulheres, elas construíam os sentidos de “uma torcedora autêntica”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – VISIBILIDADE PARA AS MULHERES NAS ARQUIBANCADAS: DISPUTANDO ESPAÇO NA CULTURA FANÁTICA

A primeira forma de disputar legitimidade e autenticidade na cultura fanática se traduz na demanda por visibilidade e contra a discriminação. A percepção de discriminação no interior da cultura torcedora é percebida como inferiorização e hierarquização dentro da própria torcida ou na arquibancada. Uma forma cotidiana de se perceber essa inferiorização é a partir do questionamento de sua presença no estádio, de seu conhecimento e vínculo autêntico com o clube. Muitas torcedoras argumentam que, quando estão presentes nas torcidas, costumam ser questionadas sobre seu interesse por futebol – questionamento esse que denotaria uma forma de desconfiança sobre autenticidade e veracidade. Como forma de resposta, essas mulheres têm reivindicado a legitimidade de seu espaço. Segundo uma das torcedoras: “Teve um tempo que criamos uma camisa ‘lugar de mulher é na arquibancada’; era uma camisa nossa para causar nos jogos com um símbolo e uma mulher feminista” (Torcedora Azul).

Enunciados como “lugar de mulher é na arquibancada” é uma estratégia de produção de visibilidade das mulheres nas torcidas. Além da camisa, descrita pela torcedora azul, outras iniciativas como *blogs*, redes sociais e campanhas digitais também foram encontradas. Uma iniciativa é o *blog* “Mulheres em campo”,⁵¹ cujo objetivo era “lutar pelo espaço” da mulher no futebol, contra o machismo e todo tipo de opressão. Segundo uma torcedora amarela, esses movimentos tinham em vista:

A luta do espaço da mulher no futebol, a luta contra o machismo, opressão, etc. Por mais que seja uma tecla em que sempre batemos, se existem movimentos como esses é porque ainda existem casos de opressão. Então, os movimentos vêm como um processo de fortalecimento e empoderamento feminino para reafirmar que a mulher pode, pode frequentar estádios, pode ir a jogos de guerra, pode escrever sobre futebol, pode tocar na bateria... É um trabalho de formiguinha. Ninguém nasce feminista e empoderada. Os movimentos, em algum momento, vão fortalecer a ideia da sororidade feminismo e empoderamento (Torcedora Amarela).

⁵¹ Leia mais em: <https://www.blogmulheresemcampo.com.br/>

Além dessas, as torcedoras entrevistadas também constroem sua visibilidade por meio de outras ações, que extrapolam os muros dos estádios. A base desse movimento, ou a própria consolidação do feminismo de muitas, se estabeleceu por meio dos “movimentos de arquibancada” (MDA e MFA), tanto em encontros nacionais, quanto estaduais. Esses movimentos reúnem mulheres de diversas agremiações e coletivos femininos por todo o País. Essas mulheres se comunicam por meios digitais, como *whatsapp* e grupos de *facebook*, ou organizam reuniões locais. Esses movimentos foram e são os espaços que fomentaram reflexões entre elas sobre a própria atuação enquanto torcedoras e sobre as barreiras enfrentadas dentro das torcidas e nos estádios para que pudessem fazer parte da cultura torcedora. Impulsionado por inquietudes acerca do papel da mulher nas torcidas e no estádio, o feminismo dessas torcedoras é estabelecido e fortalecido, culminando em ações de resistência e tensionamento de barreiras de gênero.

A forma como esse feminismo se materializou não é única e tampouco linear. Em um primeiro momento, o I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, que teve por objetivo fomentar a discussão sobre a presença feminina nos campos de futebol, incentivou ações dentro das torcidas organizadas e dos coletivos das torcedoras em diferentes estados brasileiros, a organização de setoriais femininos, a confecção de materiais de torcida também femininos e a discussão dessa pauta com a diretoria das torcidas organizadas.⁵²

De modo geral, a criação e o fortalecimento dos setoriais femininos contribuíram para ampliar o espaço das mulheres nas arquibancadas e nas torcidas organizadas, bem como para a constituição de coletivos compostos somente por elas. Esses espaços conquistados e constituídos por elas impulsionaram também a integração de outras mulheres, além de ações internas que objetivaram garantir a adesão e a permanência das novas participantes. A formação dos setoriais, com vistas a melhores acessos e oportunidades, viabilizou a realização de caravanas femininas para assistirem a jogos em estádios fora de sua cidade natal, o que antes era uma atividade exclusiva dos homens, bem como tocar instrumentos durante os jogos e/ou comandar algum bandeirão, entre outras possibilidades:

⁵² MORAES. *As torcedoras querem torcer*.

Como que não pode ir na caravana? Tem que ir na caravana. Eu sou maior, vacinada, crescida, me responsabilizo pelos meus atos, estou ali vivendo o dia a dia da torcida, por que eu não posso ir? [...] Por eu ser mulher eu coloco uma van só com meninas e sou responsável pelo setorial da nossa torcida. Daí teve um jogo ao qual a gente não pôde ir; aí foi feita uma caravana só para as torcedoras (Torcedora Verde).

A partir do segundo encontro, algumas outras movimentações, principalmente contra o machismo, tomaram forma. Ações como o “machistômetro”,⁵³ a participação na política do clube, faixas contra o assédio,⁵⁴ exclusão de músicas de cunho machista e homofóbico, ação apontada pela Torcedora Vermelha, bem como posicionamentos contrários à contratação de jogadores que tivessem cometido agressões contra suas esposas/namoradas,⁵⁵ foram algumas das maneiras com que essas mulheres torcedoras passaram a materializar a identidade feminista e sua adesão às lutas, conforme relatam as torcedoras Marrom, Cinza e Vermelho:

Nós pensamos que devemos sim participar da política do clube sim e é importante a torcida organizada (torcedor/torcedora) ter participação nas decisões. Então eu fui convidada para participar do movimento [...] que combate os preconceitos, que quer chamar o povo de volta ao clube contra a elitização. Tudo que nós acreditamos como torcida, como mulheres, a luta é a mesma e somos duas conselheiras (eu e mais outra) da torcida e desejamos colocar mais gente (Torcedora Marrom).

[...] temos um jogador que agrediu a namorada e, com uma pauta, conversamos com o diretor do clube, deixando evidenciada a nossa insatisfação pela conduta desse jogador que se tornou agressor, pois escutamos comentários machistas “eu dou minha mulher para tu bater, se tu fizer gol”. Jogador sem rendimento, só fez um gol durante o ano e a diretoria se posicionou que ele continuaria apenas por questões burocráticas. Então fizemos uma campanha sobre denunciar, sobre a importância da denúncia (Torcedora Cinza).

Além disso, os materiais de torcida começaram a ser confeccionados também para as mulheres, isto é, ajustados ou apropriados ao estilo delas, de modo a evidenciar como fazem parte e pertencem àquele espaço, representando não somente o universo dos homens, tal como destacou a torcedora Bege em sua entrevista. Essas mudanças impulsionaram as torcedoras a perceberem a relevância de expandir as

⁵³ Leia mais em: <https://bit.ly/3BXzMr9>.

⁵⁴ Leia mais em: <https://bit.ly/3DHrODF>.

⁵⁵ Leia mais em: <https://bit.ly/3SgdwOo>.

lutas a outros espaços e lugares, mas mantendo o objetivo: equidade no que concerne à ocupação e à sua legitimação, considerando sobretudo as mulheres.

Os setoriais femininos e os coletivos de torcedoras atuam em questões mais abrangentes que as simplesmente relacionadas à presença e à legitimação nos estádios e na cultura torcedora. Essas mulheres começaram a propor e a realizar campanhas contra o assédio, a violência contra a mulher e o incentivo à segurança desses ambientes com profissionais preparados para tal, inclusive melhorias em termos de estrutura, como banheiros, segundo a torcedora Vermelho. As ações se difundiram principalmente por meio da *internet*. Em forma de diários, *blogs* e redes sociais, as mulheres torcedoras estabeleceram comunidades para compartilhar as ações de modo a fortalecê-las, como relatado pela torcedora Amarelo e a torcedora Laranja. Assim, passaram a potencializar as pautas do movimento, abrindo espaços para discussões a respeito, bem como sobre o que estavam a realizar:

Faço parte do blog “Mulheres em campo” que é um projeto de mulheres que escrevem só sobre futebol e é de mulheres, é muito legal (Torcedora Amarelo).

Nosso coletivo, que é um coletivo de mulheres que se junta para apoiar outras que queiram ir e por não terem companhia deixam de ir (Torcedora Vermelho).

“O diário [omitido]”. Criei este diário com o intuito de incentivar outras meninas a frequentarem o estádio, porque a gente também gosta de futebol [...] Várias meninas chegavam para mim e diziam que eu as inspirava (Torcedora Laranja).

Eu morria de medo de levar o meu filho, porque ele é hiperativo e epilético. Quando entrei para o movimento, o que mais me deixou (emocionada) impressionada foi que, quando eu falava que não ia para o jogo por conta do filho, elas falavam para trazer logo. “Têm 10 mil braços para te ajudar, traz logo”. Em 16/11/2016, levei meu filho. Ele já era louco por futebol. Mas tinha 2 anos. Nunca prestei atenção se tem fraldário no estádio. Como eu ia fazer? Mas as meninas disseram que iam me ajudar, então eu vou. Ninguém solta a mão da outra (Torcedora Cinza).

A importância das redes para a cultura torcedora de mulheres não é exclusiva do caso brasileiro. Toffoletti⁵⁶ mostrou como, em outros contextos, a *internet* favorece a criação de vínculos e de apoio às mulheres de diferentes ambientes ou situações. Além disso, os movimentos nas mídias contribuem para o estabelecimento de campanhas em outras esferas, não se limitando aos estádios, mas atingindo também a área política, provocando discussões. Um exemplo, no caso

⁵⁶ TOFFOLETTI. *Women Sport Fans*.

brasileiro, é de quando o movimento “Deixa ela trabalhar”⁵⁷ começou a pautar a presença das mulheres no futebol depois que uma jornalista sofreu uma agressão verbal num estádio. Iniciado por 52 jornalistas esportivas, o grupo se posicionou no cenário do esporte com o objetivo de lutar contra o “o assédio moral e sexual sofrido por elas nos estádios, nas ruas e nas redações”.⁵⁸ Esse movimento deu origem a um segundo movimento, voltado às mulheres na torcida. O #DeixaElaTorcer#, que compartilha do mesmo objetivo do grupo, se iniciou como uma *hashtag* no sul do País, com o intuito de compartilhar as vivências de mulheres no estádio. No dia da mulher, após denúncias de assédio, o movimento se intensificou em todo o Brasil, reunindo mulheres de várias regiões, torcidas e coletivos para pensar a atuação do movimento.

APRESENTANDO MULHERES TORCEDORAS: LOUCAS, FANÁTICAS E AUTÊNTICAS

A segunda forma de disputa pela autenticidade no interior da cultura fanática é por meio do reconhecimento das feminilidades como legítimas naquele contexto. Isso se dá em resposta à forma pela qual a masculinidade estrutura a identidade dos torcedores, em especial dos organizados, a partir de uma série de códigos simbólicos entre o permitido e o não permitido, produzindo um currículo do torcer nos estádios.⁵⁹ As mulheres dessa rede ativista começaram a problematizar alguns aspectos dessa identidade vinculada à masculinidade, considerando-a uma misoginia, que se expressa em cânticos e xingamentos que inferiorizam o adversário por meio de sua feminilização e homossexualização:

Outra coisa que me incomoda muito são as letras das músicas “torcida vagabunda, eu vou comer sua bunda”, como se o ato sexual de comer bunda ou boceta fosse ruim, todo mundo transa (Torcedora Laranja). Não gosto de cantar as que xinga os rivais, que chama o outro time de “puta das barbies”, que está ofendendo as mulheres, e têm mulheres que torcem para o outro time, então não é muito legal (Torcedora Roxo).

Tais questionamentos reivindicam o reconhecimento da autenticidade das mulheres torcedoras, a partir de uma performatividade de gênero, que negocia, se distancia e transgride a masculinidade agressiva e viril. Algumas torcedoras

⁵⁷ Leia mais em: <http://glo.bo/2GaFhU4>

⁵⁸ Leia mais em: <http://glo.bo/2GaFhU4>

⁵⁹ BANDEIRA. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol.

performatizam gênero na cultura torcedora como uma feminilidade masculinizada,⁶⁰ sendo essa uma forma de subversão das feminilidades tradicionais. No caso das torcedoras brasileiras, essa feminilidade masculinizada era performatizada pelas mulheres que se vestiam como os homens integrantes das torcidas, evitando adereços e qualquer demonstração de feminilidade. Essa performatividade também se manifestava ou se evidenciava na participação em “brigas”, conforme é possível ver nos relatos:

Uma vez, isso é mais recente, estávamos no carro parados no semáforo. Vieram quatro meninos entregando panfletos, mas eram torcedores opositores que queriam roubar a bateria e as bandeiras. E o amigo dela saiu e deixou ela sozinha, e ela brigando com ele, para não deixar o menino levar a bateria, mas ela ficou com braço e a perna. Nem que eu leve um soco ou uma facada, mas não vão levar minha roupa. Achávamos que era uma emboscada, que era outra briga (Torcedora Branca).

A forma como as mulheres lidam com essa masculinidade agressiva não é linear. Algumas também a tensionam, mas buscam construir sua autenticidade por outros meios. Usualmente, os torcedores considerados “mais apaixonados” e fiéis são aqueles que apresentam algumas características vinculadas a uma identificação de longa duração e cujo grau de centralidade do clube na vida da pessoa é grande.⁶¹ Geralmente, as características da forma de adesão, a densidade da solidariedade envolvida e o investimento são narrados como parte de uma performance de masculinidade agressiva e viril. No entanto, como destacaram Pfister *et al.*,⁶² o que confere estabilidade a esse discurso a respeito da autenticidade do torcer como masculino, viril e agressivo é a sua reiteração performativa. Como fruto de reiteração, por outro lado, as performatividades também são negociadas e transgredidas.

Dentre as negociações que chamam a atenção, destaca-se a da construção de uma feminilidade forte, mas não masculinizada. Essa mulher é marcada pela força, pela disposição para a luta, característica já presente na “feminilidade masculinizada” descrita por Jones.⁶³ Entretanto, no caso das brasileiras, essa feminilidade também é marcada pela sensualidade, o que a torna uma performatividade particular nas disputas sobre a legitimidade e a autenticidade. Isto

⁶⁰ POPE. The Love of my Life.

⁶¹ GIULIANOTTI. Supporters, Followers, Fans, and Flaneurs.

⁶² PFISTER; LENNEIS; MINTERT. Female Fans of Men's Football, p. 850-71.

⁶³ JONES. Female Fandom, p. 516-537.

indica que uma forma de se manter na linguagem da masculinidade agressiva sem aderir à masculinização de seus corpos é por meio da hipersexualização. Dessa forma, elas se alinham às narrativas tradicionais dos torcedores, das corporalidades masculinas, e dispostas à briga, legitimando-se, mas sem abrir mão da feminilidade e da sensualidade, algo que é negociado com os códigos de conduta do machismo no interior dos agrupamentos. Os relatos sobre as mascotes dos setoriais ilustram essa feminilidade forte:

T: [o símbolo do setorial feminino] é uma lutadora, por a gente ter esse código de artes marciais na torcida. Antigamente, uns era uma sereia, mas decidimos colocar uma lutadora, porque dizia bem sobre as torcidas.

E: A sereia era muito uma determinada imagem de mulher?

T: Sim e também por as torcidas ser muito denominadas masculinas [...] Aí a gente viu que a lutadora unia o útil ao agradável e foi aprovado (Torcedora Verde).

Ela é como se fosse uma torcedora maluca. A foto que eu tenho na camiseta é dela com um taco de beisebol, que não sugere muito a paz nos estádios, mas.... É uma torcedora (Torcedora Rosa).

Essa performatividade, ao mesmo tempo em que negocia com a masculinidade, também tensiona a ideia de que feminilidades não possam ser fortes e viris. Isso é uma forma bem particular e de construção de uma performatividade de gênero no torcer que se distancia das duas até então narradas na literatura: as de feminilidade feminilizada e de feminilidade masculinizada.⁶⁴ Ou seja, as torcedoras inventam suas formas particulares de demarcar sua singularidade na cultura fanática, algo que não é exclusivo do contexto brasileiro, embora as respostas locais sejam particulares.⁶⁵ Evidentemente, a resposta brasileira, apesar de tensionar a feminilidade masculinizada e a feminilidade feminilizada, não se distancia da matriz heterossexual, uma marca da relação dessas mulheres com o futebol. Desse modo, a heteronormatividade ainda é a matriz que torna inteligíveis as performatividades no contexto futebolístico.

Como as performances são cotidianas, há práticas de desvio também. Ao mesmo tempo em que performatizam esse torcer vinculado a essa esfera da masculinidade, algumas torcedoras destacam alguns cuidados que as aproximariam de uma feminilidade feminina, demonstrando que a adesão à masculinidade agressiva não é linear, mas flutua:

⁶⁴ POPE. The Love of my Life.

⁶⁵ PFISTER; LENNEIS; MINTERT. Female Fans of Men's Football.

Sou meio patricinha nessas horas. Eu vou toda produzida, *shorts*, tênis, maquiagem, camisa do time, batonzinho e vamos embora. Como se eu tivesse saindo com meu namorado para algum lugar. Temos um amor em comum (Torcedora Vinho).

Deste modo, conseguimos perceber outras performatividades circulantes na cultura torcedora, cujo resultado se desdobra na legitimação de outras performatividades como autênticas, que passam pelo feminino. Ao negociar com a masculinidade viril, essas mulheres precisam reafirmar e reescrever as marcas da autenticidade de seu vínculo como torcedoras, porque sua presença está sempre sob suspeição:

Em jogos caindo chuva, que as torcidas não ficam, em jogos grandes e pequenos, o time rebaixado, é o melhor momento de mostrar quem somos. É nos momentos difíceis e é o nosso melhor convite e aí, quando a pessoa vê um jogo desse e entra para o M90, cabe a nós fazer com que ela permaneça (Torcedora Amarelo).

Sou torcedora [...] até embaixo de chuva, embaixo de sol. Eu cheguei a pegar uma viagem em que eu fui para um jogo da Ponte em Chapecó, peguei 9h00 de pista, de neblina. Cheguei lá, estava chovendo e não tinha como parar a chuva para entrar no campo, estava chovendo o tempo todo. Eu lembro que eu entrei embaixo de chuva, estendi a bandeira em baixo de chuva, eu fiquei de pé os noventas minutos em baixo de chuva. Sabe o que é ensopada? Tinha o que?... Umase sete pessoas torcendo pela Ponte Preta e só eu de mulher. Então não é para qualquer um. Tem que ter muito amor mesmo. Igual caravana! Muita gente foi sem dinheiro, mas foi porque queria ir. Imagina você ir para outro país desprevenida? Então, é uma água para três pessoas, um salgado que rachava em quatro, uma pessoa que foi sem cobertura, é uma bandeira que você dá para a pessoa se cobrir. Isso é o torcedor raiz, que vai atrás do seu time em qualquer lugar, não tem tempo ruim (Torcedora Rosa).

A forma como demonstram essa autenticidade, vinculada também à intensidade do grau de dedicação ao clube, é atravessada por relações e performatividade de gênero, demonstrando a possibilidade de ser autêntica mesmo que louca, ansiosa, nervosa, marcada por um descontrole que, apesar de tudo, não leva à violência. Essa é uma das formas de demonstração do investimento na identificação com o clube, que também passa por uma duração longa, de natureza emocional e pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As torcedoras tensionam o torcer tradicional e a definição do que seja uma relação quente com clubismo e autêntica de torcer. Na medida em que essa relação é atravessada pela performatividade de gênero, a tensão que essas mulheres propõem se direciona à criação e ao reconhecimento de outras formas de pertencimento, de visibilidade para com sua presença e de disputa das formas consideradas legítimas e autênticas de torcer. Um torcer tradicional, marcado pela masculinidade agressiva e viril é parcialmente recusado por essas mulheres.

Ainda que suas narrativas não sejam lineares, embora a percepção do machismo flutue e apesar de elas mesmas desenvolverem uma feminilidade masculinizada para negociar e pertencer às torcidas, o desenvolvimento da identificação feminista faz com que elas tensionem suas próprias identificações de cultura fanática, que se firmam e preservam. Embora esse processo não seja linear e homogêneo, o fato de elas se articularem nessa rede ativista permitiu o desenvolvimento da visibilidade das mulheres no espaço da cultura fanática. Tensionando a masculinidade que circula no currículo dos estádios, refazendo gênero nas formas de torcer e sendo reconhecidas como legítimas, elas disputam a definição do que seja autenticidade no torcer e oferecem possibilidades de mudanças nas tradições da cultura fanática do futebol brasileiro.

* * *

REFERÊNCIAS

ABEL, João; PANNUNZIO, Pedro. 3 abr. 2019. Torcida, substantivo feminino. Mulheres se unem para ocupar arquibancadas. **Estadão**. Disponível em: <https://bit.ly/2KRtspj>. Acesso em: maio 2022.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 342–351, 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246–270, 2013.

- BUTLER, Judith. **Gender trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.
- CAMPOS, Priscila. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. Dissertação (Mestrado), EEEFTO/UFMG, Belo Horizonte, 2010.
- CESAR, Benedito Tadeu. **Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo: ou, o duelo**. Dissertação (mestrado). Unicamp, Campinas/SP, 1981.
- DAMO, Arlei Sander. A magia da seleção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 1, p. 73-90, 2006.
- DUNN, Carrie. **Female Football Fans: Community, Identity and Sexism**. Manchester: Palgrave Macmillan, 2014.
- DUNNING, Eric. **El fenómeno deportivo: estudios sociológicos em torno al deporte, la violencia y la civilización**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2003.
- GIULIANOTTI, Richard. Supporters, Followers, Fans, and Flaneurs: A Taxonomy of Spectator Identities in Football. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 26, n. 1, p. 25-46, 2002.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- JONES, Katharine W. Female Fandom: Identity, Sexism, and Men's Professional Football in England. **Sociology of Sport Journal**, v. 25, n. 4, p. 516–537, 2008.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. A construção do problema social da violência no futebol brasileiro: dominação e resistência. **Athenea Digital. Revista de pensamento e investigación social**, v. 16, n. 2, p. 89–113, 2016.
- LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Revista espaço acadêmico**, v. 9, n. 104, p. 75–83, 2010.
- MARTINS, Mariana Zuaneti; SANTOS, Kerzia Railane. Do futebol de mulheres às mulheres no futebol: outras identidades e identificações circulantes nos estádios. *In*: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: CRV, p. 117-35, 2020.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**, v. 2, p. 9-27, 2003.
- MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, o inimigo massacrar – Raça Rubro-Negra!**: uma etnografia sobre futebol, violência e masculinidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- MORAES, Carolina Farias. **As torcedoras querem torcer**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade), UFBA, Salvador, 2018.
- PFISTER, Gertrud; LENNEIS, Verena; MINTERT, Svenja. Female Fans of Men's Football – A Case Study in Denmark. **Soccer & Society**, v. 14, n. 6, p. 850-71, 2013.
- POPE, Stacey. "The Love of my Life": The Meaning and Importance of Sport for Female Fans. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 37, n. 2, p. 176-95, 2013.

RUBIN, Herbert J.; RUBIN, Irene S. Structuring the Interview. **Qualitative interviewing: The Art of Hearing Data**, v. 2, p. 129-51, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

TOFFOLETTI, Kim. **Women sport fans: Identification, Participation, Representation**. [s.l.]: Taylor & Francis, 2017.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, n. 163, p. 175-89, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/FAPESP, 1996.

* * *

Recebido em: 15 de outubro de 2021
Aprovado em: 7 de fevereiro de 2022